

QUEM ELAS PENSAM QUE SÃO? A ANÁLISE EXISTENCIAL DA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA – UM ESTUDO DE CASO

Paula Karina Rosa Luz¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

A mulher em situação de rua está constantemente exposta a inúmeras violências, negligências, sofrimentos e a olhares de uma sociedade que não compreende as suas vivências, e que conseqüentemente pode imputar a elas uma identidade que não condiz com o que elas realmente são. Portanto, a análise da autopercepção da mulher é um processo essencial para que o trabalho do profissional da psicologia aconteça, pois é a partir disso que entendemos o que é a subjetividade e em como isso se dá na vida de cada uma e, também o contexto socioeconômico em que a mesma está inserida. E é a partir disso, que o este trabalho e a perspectiva existencialista, na expectativa de uma descrição e aprofundamento das vivências da mulher em situação de rua, colabora para a compreensão que o indivíduo, enquanto existência e construindo seu projeto de ser, é livre para escolher dentro das suas possibilidades de vida. Com intuito de compreender a subjetividade dessas mulheres, e repensar o trabalho da psicologia social e do cuidado paliativo.

Palavras-chave: Mulher. Psicologia. Social. Subjetividade.

WHO DO THEY THINK THEY ARE? THE EXISTENTIAL ANALYSIS OF WOMEN IN THE STREET SITUATION – A CASE STUDY

ABSTRACT

The street woman is constantly exposed to countless violence, neglect, suffering and the eyes of a society that does not understand their experiences, and that consequently can impute to them an identity that does not match what they really are. Therefore, the analysis of the self-perception of the woman is an essential process for the work of the professional of psychology to happen, because it is from this that we understand what the subjectivity is and how it happens in the life of each one and also the context socioeconomic context in which it is inserted. And it is from this, that this work and the existentialist perspective, in the expectation of a description and deepening of the experiences of the woman in a street situation, contributes to the understanding that the individual, while being and constructing his project of being, is free to

¹ Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

choose within their possibilities of life. In order to understand the subjectivity of these women, and to rethink the work of social psychology and palliative care.

Keywords: Woman. Psychology. Social. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O existencialismo juntamente com a abordagem fenomenológica existencial, contribui muito para o entendimento da existência de cada sujeito, sempre buscando estar suspenso de toda uma carga de valores e conhecimentos sobre o mundo, que possam atrapalhar a descrição daquele fenômeno, e é como diz Merleau-Ponty (2000) que a fenomenologia estuda a essência do ser, sem interpretar ou supor possibilidades, mas descrever. A partir desse pressuposto, que percebe ser necessário repensar sobre alguns temas que aparecem com frequência dentro da sociedade em que vivemos, e principalmente, sobre o trabalho do psicólogo social com pessoas em situação de rua. Seguindo essa ideia, Sartre (2005) explica que o homem pode decidir – e deve – o que fazer das coisas que ele sente e vivencia, que é livre, mas que há uma passividade enquanto o outro, pois não se pode prever ou controlar aquilo que não vem dele, em contrapartida, ele é o único responsável por suas escolhas.

Mesmo sendo livre para decidir sua essência, há certas passividades em que o homem necessita estar, como viver num sistema capitalista, que significa que a desigualdade está intrínseca, sendo que um não pode existir sem o outro, afinal, para que existam pessoas com grandes dotes, precisa ter pessoas com pouco ou quase nada, que vivem alienados da exploração da sua mão de obra, que é vendida de forma muito barata (THERBORN, 2010).

Mesmo com um sistema que necessita excluir alguém para incluir outro, há políticas públicas e instituições que fazem o melhor de si, para que pessoas em situação de rua, por exemplo, possam ter acesso ao mínimo de dignidade e direitos, como Coelho (2016) explica, o Centro POP³, está exclusivamente, para que esses indivíduos tenham acesso a pelo menos uma alimentação de qualidade no dia, higiene, contato com a família e uma possibilidade de descanso.

Dentro dessa perspectiva da situação de rua, há também a situação da mulher, que além de estar submetida – não de forma direta – a violência de gênero, deixando-a em posição inferior ao homem, há também outras violências, e adentrando ainda mais nesse assunto, há também as mulheres transexuais, que são as maiores vítimas de abusos sexuais e de violências físicas, pois

³ Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

o Brasil, atualmente, é o país que mais mata mulheres transexuais (MELLO, 2014). Portanto, há uma necessidade de entender, se a identidade das mulheres que estão em situação de rua, é algo que pertence de fato a elas e em como elas percebem e reagem a essa violência social diária.

E para que haja uma maior compreensão deste fenômeno “situação de rua”, é necessário elucidar e apontar as diferenças entre “situação de rua”, “morador de rua” e “mendigo”, pois há grandes discrepâncias entre elas, segundo Mattos (2004), a “situação de rua” destaca-se como algo temporário, uma situação que aconteceu e em um outro momento pode ser contornada, já “morador de rua” significa algo permanente, alguém que se identifica com a situação e tira sua renda também do trabalho nas ruas, e o “mendigo” é o sujeito que vive de pedir esmolas, logo, durante um trabalho psicológico desse sujeito, é necessário estar atento a essas determinações e também o seu contexto histórico e socioeconômico.

E é com essas informações que esta pesquisa vem contribuir, compreendendo o processo de subjetividade desse ser invisível e suscetível a diversos olhares limitadores, que como explica Beauvoir (1980), é só a partir do olhar de um outro que podemos mediar nossas atitudes, e a dúvida que antecede a pesquisa é o quanto esse olhar mediador define quem essas mulheres são e o quanto isso as limita para buscar uma vida diferente.

Pessoas em situação de rua, em especial as mulheres, são vistas em praticamente todas as regiões do Brasil, submetidas a uma vida de sofrimentos, pobreza, fome, invisibilidade diante do estado e em alguns casos, até com abuso de drogas, então durante sua pesquisa Alvarez et al (2011, p. 4) conclui que “foi considerado por eles mesmos como “prisão difícil de sair”. As relações desenvolvidas, o uso de drogas, o estado de abandono, de exclusão, os empurravam para baixo e cada vez mais para as sarjetas”, logo, facilmente percebe-se que não se trata apenas de “querer sair” da situação de rua, mas de vários aspectos socioeconômicos que influenciam para isso, e o quanto esses aspectos atuam negativamente na percepção de si, vivendo constantemente entre a vontade de querer um outro tipo de vida e a dificuldade em conseguir realizar isso.

A partir desses pressupostos, da vida da mulher em situação de rua, há também fatores históricos sobre como esse sujeito é vista dentro da sociedade, vista através de submissões, abusos e violências. Na contemporaneidade ainda – mesmo que de forma mais subtendida – a mulher é submetida a questões sociais, econômicas, raciais e de gênero – e principalmente, a mulher negra – a diversas desigualdades, ficando em posição inferior das demais raças e classes sociais, como uma hierarquia em que o homem branco está como o de maior privilégio, logo

em seguida a mulher branca, depois o homem negro e no fim dessa hierarquia se encontra a mulher negra (CISNE, 2018).

A violência contra mulheres em situação de rua é um problema social e acaba fortalecendo um construto sobre a motivação das mesmas a estarem e a permanecerem nas ruas, portanto Camino (2004, p. 231) explica que o preconceito, dentro dessas circunstâncias, é um preconceito de classes, que potencializa e dificulta a inserção dessas pessoas em situação de rua em uma vida digna, e por isso que o autor constata que “a psicologia vem estudando diversos fenômenos [...] num esforço consciente de colaborar com o fim da discriminação social” e para que isso acontece é necessário esse entendimento da percepção que o sujeito tem de si dentro do seu contexto social.

Dentro dessa perspectiva da situação de rua e a mulher, a invisibilidade é um tema abordado com certa frequência e também ficando evidente quando é necessário prestar algum auxílio e até mesmo no momento do julgamento da sociedade. Portanto a importância de entender o processamento que essas mulheres têm si é imprescindível para iniciar um desenvolvimento psicológico e depois social, de inserção desse sujeito novamente na sociedade, com todos os seus respectivos direitos humanos. Sendo assim, Rosa (2011) elucida que dentro do capitalismo, o trabalho significa que você é um cidadão de direitos, considerando que quem vive na rua como alguém desocupado, como se estivesse vivendo numa “zona de conforto” em não precisar trabalhar, como o restante da sociedade.

As formas e motivos que levaram esse sujeito até essa situação são os mais variados e particulares, os motivos vão desde renda baixa ao ponto de não conseguir mais se sustentar e sustentar uma casa, a até problemas emocionais e familiares, abuso de drogas. Muitas vezes tachados de violentos e preguiçosos ou até de loucos e sujus, quando na verdade, eles vivem – independente do motivo que levou a essa situação – na pele o que é a desigualdade, a invisibilidade e a exclusão, causando em quem enxerga esse sujeito, certa repulsa, medo do que pode ter ali, uma sensação de sujeira que não deveria estar no meio da cidade (MATTOS et al, 2004). O autor ainda fala sobre a interiorização desses rótulos impostos socialmente sobre esse sujeito em situação de rua, e de como esse olhar de julgamento com o outro acaba repercutindo em como eles se percebem e para que essas circunstâncias em que vivem nunca mude, afinal, eles não passam de nada além daquilo que os outros dizem que eles são.

Considerando esses aspectos, a psicologia tem como objeto de estudo o homem, seus comportamentos, influências, emoções, levando em consideração o ambiente em que este indivíduo está presente. Tendo as mais variadas formas de abordar o homem dentro da sua realidade, sua identificação com o meio e enquanto consciência, a psicologia trabalha com um

objeto que não é palpável e nem visível. A partir disso, o existencialismo vem com o pressuposto inicial de que “a existência precede a essência” (SARTRE 2005, p. 20), ou seja, o homem nasce, existe, se encontra e depois se define, sendo o único responsável por sua existência, sendo a mesma um ponto inicial e indispensável para a construção de uma subjetividade.

Logo, a subjetividade, dentro desse contexto existencial, nada mais é do que uma forma particular de observar o mundo e responder a todas as circunstâncias socioeconômicas em que somos submetidos, nesse mesmo sentido Sartre (2016) diz que a subjetividade não é apenas uma característica particular de cada um, porque ela se dá, principalmente pelo contato social entre sujeitos. Ou seja, a subjetividade não pode surgir como algo único e sem ter como base as relações sociais, porque é através do olhar em que nos constituímos.

O existencialismo e a fenomenologia são filosofias distintas, mas que se fundem e em um determinado momento, principalmente na psicoterapia. E enquanto trabalho na clínica existencial, é utilizado o método fenomenológico, em que, Aranha (1993) explica que a fenomenologia vem para descrever a realidade, uma reflexão a partir do ponto de vista daquele que experimenta cada situação, um olhar sob o mundo daquele que vive nele. Sendo assim, Merleau-Ponty (2000, p.1) a fenomenologia se propõe a estudar as essências enquanto existentes no mundo, uma tentativa de descrever o fenômeno e não o analisar. A fenomenologia além de estudar essências e seus respectivos problemas é também “uma filosofia que repõe as essências nas existências, e não pensa que possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua facticidade”.

Ainda neste sentido, há aspectos dentro do existencialismo que são imprescindíveis, como a concepção de “consciência”, “fenômeno” e “objeto”. Diante destes pressupostos, Sartre (2005) traz a ideia de que o dualismo entre essência e existência deva ser rejeitado, pois a essência não vem em oposição a aparência, ela é revelada a partir da mesma. O fenômeno é a aparição e o que mostra ser, é a relação entre consciência intencional e objeto, se manifesta enquanto essência e enquanto aparência. Seguindo com o conceito de fenômeno que é descrito e visto de formas diferentes dentro da fenomenologia, do existencialismo e seus principais autores, ele é o que é, é a relação e o signo, não é a significação que damos a ela e sim como ela é, suas qualidades. Segundo Sartre (2005) cada um desses fenômenos é uma relação diferente com esse sujeito, não há como reduzir o homem a apenas uma quantidade efêmera de manifestações porque estamos em mudanças constantes, e apesar de sempre buscar uma visão “exata” do fenômeno, sempre ficará exposto as uma imensidão de possibilidades de interpretações.

Diferentemente do fenômeno, a intencionalidade qualifica a consciência e o objeto fazendo relação entre eles, estando sempre em posição de, sendo assim Husserl citado Sartre (2005, p. 22) diz que “toda consciência é consciência de alguma coisa”, ou seja, a consciência existe enquanto posicionamento, enquanto houver um objeto no mundo para esta consciência. Sartre (2005, p. 28) ainda articula que a consciência “é pura aparência, no sentido que só existe na medida que aparece [...] a consciência pode ser considerada o absoluto”.

Mente e corpo não podem ser tratadas como coisas distintas, apesar de significados diferentes, de se encontrarem num mesmo sujeito, elas são a somatória para construção desse indivíduo, aspectos diferentes que se encontram num mesmo momento, sem um interior ou algo interno, os dois são o todo, sem distinção e inseparáveis. Nóbrega (2008, p. 5) articula que “A cognição é inseparável do corpo, sendo uma interpretação que emerge da relação entre o eu e o mundo, nas capacidades do entendimento”, logo, mente e corpo coexistem, uma sendo complementação de outra, se relacionando a partir da percepção da realidade. O corpo como sendo a parte fundamental do conhecimento e das percepções, é também imprescindível para a construção da subjetividade desse sujeito, pois é a partir dele que se sente, que se vê e que conhece o mundo em que vive. Com isso, Sartre (2014, p. 19) contribui afirmando que “o homem é [...] como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse ele de existir, o homem nada é além do que ele se faz”. Logo, o homem é o único responsável por sua subjetividade e conhecimento adquirido no decorrer da sua existência, estando exposto constantemente a uma infinidade de possibilidades.

A subjetividade é um aglomerado de conhecimentos e experiências que o homem adquire durante sua vida, desde sua infância e seu primeiro contato com a família, até o fim de sua vida, acontecimentos que formam suas crenças e valores, que modifica constantemente a forma como esse sujeito percebe o mundo em que vive, sendo assim, o processo de subjetividade se inicia, posto isso, Sartre (2016, p. 19) diz que “se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente nada”. Seguindo nesse mesmo sentido, o existencialismo Sartreano faz algumas pontuações sobre a subjetividade e do sujeito enquanto projeto de ser, das responsabilidades de suas escolhas enquanto existência, mas também de sua incumbência dentro da sociedade e o que isso pode causar. O sujeito nunca poderá ser algo além de um projeto de ser, é inicialmente nada e a partir disso pode querer ser algo, mas nunca passará de um projeto. A parte disso, o indivíduo além de arcar com as responsabilidades de sua existência, também carrega o peso de que seus atos resultam em consequências dentro do meio em que vive.

Partindo desse pressuposto, Maheiri et al (2007) articula que para Sartre (1960/1987) o homem é constituído enquanto há um outro para o constituir e vice-versa, ao passo que ficamos sujeitos a interpretação do outro e nem sempre temos sucesso ao transparecer aquilo que realmente queremos dizer. Além de todos os atos se resumirem ao individual, também se resume ao meio em que esse sujeito está incluso, sem que um não possa excluir o outro, embasado em contradições e significações. E mesmo o sujeito vivendo a partir de circunstância, sejam sociais ou econômicas, Maheri et al (2007, p. 5) ainda diz que “o sujeito está permanentemente em direção a algo fora de si, o que autoriza pensar que, dentro do seu campo de possibilidades, ele escolhe”, ou seja, a existência, e também a essência, está em contínua transformação, sempre em movimento e fundindo subjetividade e objetividade, ao passo que, no projeto de ser, a subjetividade surge como necessidade do objetivo, servindo de sobrepujamento de algo que foge de seu controle, como questões objetivas relacionadas ao meio em que vive.

Partindo desses pressupostos, Marsciani (2014, p) articula que o homem está sempre em coletivo, não podendo constituir sua subjetividade fora disso. O autor ainda explana que nessa mutualidade das relações, há uma certa submissão bilateral, em que um não pode se sobrepor ao outro ou ultrapassá-lo, é uma interação horizontal em que um está somente enquanto o outro o percebe. Seguindo nesse sentido, o autor conclui que “a subjetividade é modulada na reciprocidade, uma subjetividade intersubjetiva na qual cada um é outro porque é pelo outro e, assim, dão sentido a um mundo que é o mesmo, porque é o único no qual a determinação recíproca pode exercitar-se.”.

É partir de considerações marxistas que Sartre inicia sua crítica a teoria e a subjetividade, logo, Sartre (2015, p. 30) insiste na ideia de que a subjetividade acontece como uma decifração da objetividade, sendo assim, o autor coloca que “a subjetividade está fora, como característica de uma resposta, e, na medida em que é um objeto que é constituído, como característica do objeto”, logo, é a subjetividade que dá as características a determinado objeto, conforme ele surge nessa realidade, enquanto ele se constitui. E é nessas características, que são como respostas ao que vimos, que a subjetividade surge, para destacar aquilo que é do nosso interior, posto isso, fica evidente que a realidade é formada por relações entre sujeitos subjetivos que respondem ao mundo de formas distintas e particulares.

Compreende-se que a subjetividade se dá principalmente pelo contato com o outro, então Sartre (2005) divide em o “Ser-Em-Si”, o “Ser-Para-Si” e o “Ser-Para-Outro”, dentro dessa perspectiva encontra-se o ser-em-si que segundo Sartre (2015) apud Vieira Jr et al (2016) é o ser que denominamos como ser dos objetos, um ser que não exige relação e possui sua

essência, não precisando buscá-la exteriormente, ele é o que vimos e nada além disso, como ele atingiu a completude, é fechado. Há também, o *ser-para-si*, que como ainda coloca o autor, é consciência que está no mundo, utilizando da intencionalidade para buscar a totalidade da *ser-em-si*, portanto, Vieira Jr et al (2016, p. 1) completa que “não há uma consciência senão em relação a um objeto, ou seja, a consciência não possui conteúdo, não é *em-si*, sendo que o *si* visado pela consciência está fora dela mesma, no mundo”, ou seja, o *ser-para-si* está sempre como possibilidade, buscando algo no mundo e nunca alcançando a plenitude, sempre aberto.

Além do *ser-em-si*, que é designado como sendo o ser dos objetos, há o *ser-para-si* que está sempre para um objeto, em busca de algo, pode-se acrescentar também o *ser-para-outro*, em que Sartre (2005, P. 290) articula que esse é o ser que desenvolve a subjetividade e também é a relação entre eu e o outro, pois ele é o ser que me permite me ver por outra percepção, como um espelho, posto isso o autor diz que “o outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo”, portanto, o outro me permite perceber e a incompatibilidade de meus atos e refletir sobre o que sinto e o que exponho, porque enquanto estou sob o olhar do outro eu estou em posição de objeto, em posição de julgamento e de criação de juízo, pois o que sentimos é sempre defronte de um outro que me é inseparável e necessário, dado que um remete se ao outro, do *para-si* ao *para-outro*. Então o outro é aquele que nos permite olhar para nós mesmos, como um mediador daquilo que temos e de como expressamos isso dentro das relações sociais.

Seguindo com esse mesmo tema, Marques et al (2017, p. 5) coloca que para a teoria sartreana, o outro fica a mercê do meu olhar, resumindo a aquilo que sou, sendo um ser para-mim, e até mesmo quando eu percebo/vejo o meu corpo realizando algum tipo de atividade, ou até mesmo o reflexo do meu corpo em um espelho, eu estou me vendo como um outro, de fora. A partir disso, trabalha-se o *corpo-para-outro*, uma tentativa de elucidar como o outro percebe o meu corpo e como percebo o corpo do outro. Como o autor ainda pontua, que enquanto o outro me percebe, ele estabelece limitações de acordo com o seu conhecimento de mundo, então esse outro que me percebe, a partir do momento em que me constituí constrói o seu próprio mundo, e uma vez que essa relação se dá, não há como não inserir o outro na posição de objeto no mundo.

Portanto Sartre (2014) apud Marques et al (2017, p. 10) diz que:

O reconhecimento desta possibilidade de ser objeto no mundo do outro é que possibilita afirmá-lo como sujeito, uma vez que algo só pode ser reconhecido como objeto sob o olhar de um sujeito, uma vez que um objeto não pode fazer emergir, por si mesmo, a objetividade no meio do mundo.

A importância do outro no meu processo de constituição, enquanto sujeito e participante ativo dentro de uma sociedade, é inegável, esse outro cumpre um papel fundamental, porque é somente a partir do olhar dele – que é como eu – que eu posso me perceber e aí reavaliar meus atos, dentro de meus princípios e valores, mas também reavaliar a partir do que o outro interpreta, então Beauvoir (1980, p. 9) solidifica que “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”. Portanto, sozinho o homem jamais alcançaria um conhecimento total sobre si mesmo, isso exige um outro em constante relação, um outro que me olha e me percebe, e ao fazer isso, me resume ao um ser em-si, o outro limita a minha liberdade e a recíproca é verdadeira e é a partir disso que essa relação se dá (GONÇALVES, 2016).

Como já visto anteriormente, o existencialismo tem aspectos particulares sobre a formação do sujeito e sua subjetividade, sendo ele livre para escolher o que fazer com sua essência e sempre tendo o olhar do outro como limitador, como Sartre (2005, p. 20) diz “a existência precede a essência”, então antes que ele possa definir sua essência, ele existe num mundo que já estava ali antes dele. O homem vive sua vida como um projeto de ser, dentro de aspectos socioeconômicos, ele faz suas escolhas, sempre buscando algo, na expectativa de um futuro diferente/melhor. Dentro da sociedade há certos aspectos intrínsecos e subtendidos que norteiam esse projeto de ser, logo, o homem nasce, encontra seu lugar no mundo e enquanto busca sua essência, precisa seguir imposições da vida em sociedade, como trabalhar, ter boas maneiras, manter um certo nível de higiene etc. O trabalho, vender sua mão de obra, é um dos fatores que mais gera contradições, pois ele é visto como o único meio do homem alcançar sua dignidade, de manter os seus direitos enquanto ser humano. Posto isso, Rosa (2011, p. 5) elucida que:

Ao naturalizar a miséria sem relacioná-la com a apropriação desigual da riqueza socialmente produzida; ideologiza as políticas sociais como um mecanismo que simplesmente reforça o desinteresse na procura de trabalho, implicando um caráter paliativo para aqueles sem condições de competir no mercado de trabalho.

Portanto, por mais que o homem seja livre, há certas limitações dentro de suas escolhas, e as vezes, essas escolhas estão baseadas em determinações sociais. Seguindo nesse mesmo contexto, o existencialismo contribui para a psicologia social com o entendimento de como esse sujeito se constituiu e, também para elucidar esse processo de socialização, liberdade e subjetividade, propondo também uma reflexão sobre as atitudes enquanto ser individual que vive rodeado de outros seres que também arcam com as consequências de seus atos. Dentro da psicologia social, se vê muito a psicologia clínica, que pode ser utilizada através da psicoterapia

fenomenológica existencial, que vem numa tentativa de descrever o fenômeno, e compreender o sujeito e todo o meio em que ele está inserido, sua subjetividade e as circunstâncias em que vive (ou sobrevive), e além de entender esse sujeito, apontar na própria fala dele uma nova possibilidade (HOLANDA, 1997).

A psicologia social tem avançado muito durante o passar dos anos, tendo como embasamento algumas teorias sobre a estruturação social, que coincidem com o trabalho proposto para aquela comunidade ou indivíduo. Apropriando-se da conscientização sobre questões que afetam diretamente a vida do sujeito, como por exemplo, alimentação, saneamento básico, educação etc., a psicologia social busca promover uma reflexão e a busca uma solução para os problemas que se mostram presentes no cotidiano desse sujeito (CAMPOS et al, 2005).

E é a partir da formação de comunidades que se formam subgrupos, constituídos de sujeitos e suas respectivas particularidades e que possuem algo em comum, desde expectativas, regras, até por estarem na mesma classe social, por possuírem o mesmo objetivo para o futuro ou para uma determinada situação (ZANELLA, 2001). Portanto, dentro da comunidade há um grupo de pessoas e situação de rua, que segundo O Ministério Público de São Paulo (2008), articula que:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento.

Portanto, segundo CRP-MG (2015, p.44) “o psicólogo trabalhará construindo estratégias que efetivem o acesso do cidadão aos direitos socioassistenciais” e a partir dessas definições, a psicologia social vem para contribuir e auxiliar as instituições de assistência social, como por exemplo, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua (Centro POP), que segundo C é uma instituição diretamente ligado à Secretaria de assistência social (CRAS), que acolhe PSR de todas as idades, até mesmo famílias inteiras, ajudando como pode, como com a possibilidade de fazer a documentação, alimentação, higiene etc.

Logo, segundo o Aeixe (2011) citado pelo CRP-MG (2015) a pessoa em situação de rua, atualmente no Brasil, recebe apenas um tratamento paliativo, ou seja, um trabalho para amenizar os sintomas sociais, físicos e psicológicos, mas não um trabalho eficaz para o fim dessa vida de rua. Logo, Todas as formas de assistência relacionadas a situação de rua, atuam somente nas consequências que essa vida gera no sujeito, trabalhando em aspectos temporários

e que, na prática, trazem somente um prazer momentâneo a PSR, como por exemplo, uma alimentação durante o dia, higienização etc. Sendo que a maior parte desses sujeitos, está muito propenso a doenças, quando já não as possui, até mesmo DSTs e doenças graves pela exposição constante a sujeiras, ingestão de comidas estragadas e, também ao clima (SERAFINO, 2015).

E adentrando na perspectiva da mulher dentro desse contexto da situação de rua, a mulher, dentro da sociedade, se apropriou de uma identidade imposta a ela desde muito cedo, e segundo Beauvoir (1980, p. 9) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, não há como definir ser mulher por questões biológicas, de reconhecimento etc., são questões sociais que mais tarde vão definir esse sujeito como tal. Com o passar dos anos a mulher foi conquistando diversos espaços que, segundo construções sociais, era somente exercido por homens, e atualmente esse avanço tem se intensificado cada vez mais, mesmo com algumas resistências. E é com a repetição de estereótipos sobre o que é feminino e masculino que a identidade da mulher vai criando forma e se perpetuando ao longo das gerações.

No caso da mulher em situação de rua isso não é muito diferente, os padrões de beleza, as construções sociais as afetam, talvez até de forma mais intensa, pois viver na rua é um perigo constante. Infelizmente, a violência é algo comum e frequente entre essas mulheres na rua, violência essa que segundo Suárez e Bandeira (2002, p. 307) apud Coelho (2016, p. 42) pode ser considerada como “uma ação que envolve o uso da força real ou simbólica por alguém com finalidade de submeter o corpo e a liberdade de um outro, a violência aparece como tentativa de estender a própria vontade sobre a alteridade”, ou seja, na rua a mulher torna-se mais vulnerável a violências de todos os tipos, principalmente pelo companheiro e até por outras mulheres. A sociedade contemporânea imputa uma ideia de que a mulher somente consegue obter sucesso a partir do uso de seu corpo como objeto, com sensualidade e causando desejos, sempre voltado ao que o homem gosta e deseja de uma mulher, o que é ideal e o que não, portanto quase todos os estereótipos colocados sobre as mulheres são somente sobre o que os homens pensam de como elas deveriam, se comportar, pensar, sentir e se vestir (BORIS et al, 2007). Passam por violências que segunda Dias et al (2015) não são claras, é uma imposição subtendida que causa um enorme desgaste psicológico e também físico, pela dificuldade de um enquadramento na heteronormatividade, e que muitas dessas mulheres, e principalmente as mulheres transexuais, procuram a rua justamente pela exclusão da família e amigos. E é a partir de todo esse apanhado social da identidade das mulheres em situação de rua, que a psicologia deve trabalhar, entendendo todo o seu contexto e trabalhando para uma melhora significativa e não paliativa.

METODOLOGIA

A metodologia é um conjunto de procedimentos que a ciência usa para comprovar suas hipóteses, bem como um processo que conduz uma investigação científica, fornecendo técnicas e instrumentos para o desempenho da pesquisa científica, sendo assim possível a construção da realidade. De acordo com Michel (2005, p.51) “Pode-se definir metodologia científica como: tratado de métodos; conjunto de métodos e técnicas utilizados numa investigação, numa ação”.

Torna-se importante neste sentido, trazer o que Mynaio (2000, p.17-18) entende sobre pesquisa. Para a autora:

Entendemos sobre pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos.

Este estudo tem como objetivo analisar a perspectiva existencialista da construção da subjetividade da mulher em situação de rua da cidade de Lages – SC. Esta pesquisa define-se, do ponto de vista metodológico, por uma abordagem de pesquisa qualitativa, enfatizando a condição do pesquisador como sujeito e destacando a importância do seu diálogo com o campo empírico, no processo de produção de conhecimento.

Portanto, no que tange a pesquisa qualitativa Lakatos e Markoni (2001, p. 44) explicita:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa examina uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser quantificada ou traduzida por números, sendo empregada na compreensão de fatos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (MINAYO, 2000).

Neste estudo foi utilizado um estudo de caso, pois este como método não se refere a uma escolha procedimental apenas, mas à escolha de um determinado objeto a ser estudado. A principal diferença entre o estudo de caso e outras possibilidades de pesquisa é o foco de atenção

do pesquisador que busca a “compreensão de um particular caso, em sua idiossincrasia, em sua complexidade” (YIN, 2010, p.256).

Goode e Hatt (1993, p. 45) afirmam que o estudo de caso pode ser caracterizado como o estudo profundo de um objeto, de maneira a permitir amplo e detalhado conhecimento sobre este, o que seria praticamente inviável através de outros métodos de investigação. Segundo os autores o estudo de caso caracteriza-se como um meio de organizar dados e reunir informações, tão numerosas e detalhadas quanto possível, a respeito do objeto de estudo de maneira a preservar seu caráter unitário. A totalidade do objeto pode ser conservada através da amplitude e verticalidade dos dados, através de diferentes níveis de análise, da formação de índices e tipos de dados, bem como da interação entre os dados observados e a dimensão temporal em que se dá o fenômeno. Assim, o estudo de caso é definido como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2010, p.32).

Para Goode e Hatt (1993, p. 208-209).

[...] consiste de uma investigação detalhada, frequentemente com dados coletados durante um período de tempo, de uma ou mais organizações, ou grupos dentro das organizações, visando prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo.

Sua principal característica é o estudo aprofundado, levando-se em consideração a compreensão como um todo do assunto investigado (FACHIN, 2006). Refere-se ao levantamento de determinado caso ou grupo humano, sob todos os seus aspectos, porém, se restringe ao caso que estuda. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, que visam apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Para a análise dos dados, foi utilizado a análise de conteúdo, que é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, sendo que, na primeira, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é levado em consideração (BARDIN, 2011).

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de

textos. É composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não), permitindo a realização de inferência de conhecimentos.

A análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas. Utilizaremos como técnica de análise de conteúdo de Bardin a Análise do discurso. O sujeito da pesquisa é uma mulher transexual em situação de rua, acolhida pela instituição responsável (Centro PoP), sendo que a pesquisa foi autorizada e realizada na mesma instituição, onde a mesma faz trabalhos comunitários durante o dia, com duração em torno de 15 min.

Apresentação do caso

Este estudo de caso foi realizado com uma mulher transexual, de 31 anos e em situação de rua, que atualmente está acolhida pelo Centro PoP na cidade de Lages-SC. Com o intuito de analisar a auto percepção dessa mulher dentro do contexto em que vive e através da perspectiva existencialista, foram realizadas perguntas abertas e pré-elaboradas, a fim de compreender o dia a dia dela e também como se sente nas ruas. Após a autorização da participante que chamaremos de Laila, nome fictício, utilizado para preservar a identidade e que segue os parâmetros do consenso ético, de acordo com a pesquisa realizada com seres humanos. Depois de concordar com os termos do TCLE, foi realizado a gravação da entrevista, que se deu da seguinte forma:

Ao questionar como ela gosta ser chamada, ela respondeu que poderíamos chama-la de Laila. Perguntamos se ela nasceu em Lages mesmo, Laila respondeu que nasceu em Caçador – SC. Perguntamos se gostaria de ter filhos algum dia, sua resposta foi negativa. Ela contou que frequenta o centro PoP, respondeu que frequenta a dois meses. *“Foi depois que eu vim da Itália, que eu fiquei três meses na Itália”. “Eu fui para trabalhar, me prostituir. Só que eu conheci Milão e Roma, e lá a prostituição é tida como [...] não sei como posso te explicar [...] como se fosse feita por debaixo do pano, porque da prisão [...] só que foi um dinheiro muito bom, só que eu comecei a usar droga demais, porque lá é muito frio e a gente tem que trabalhar praticamente nua, sem roupa, então eu comecei a usar muita droga [...] dai foi onde eu vim pro Brasil de volta e acabei[...]”*.

Durante sua fala, percebe-se claramente a liberdade que Sartre explica em seus livros, como também a angústia de ao se deparar com algo que no momento não parece condizer com as escolhas tomadas. Além disso, Beauvoir (1980) explica, que estereótipos reproduzidos pela sociedade dizem como uma mulher deve se portar ou como deve usar seu corpo, quase sempre no campo da sensualidade, do sexo ou da subordinação ao homem, sendo assim, quando colocada a margem da sociedade, uma das formas de conseguir dinheiro para sobreviver é usando de seu corpo como trabalho. Mas ainda compreendendo que o sistema marginaliza quem não segue um padrão, Maheri et al (2007, p. 5), diz que “dentro do seu campo de possibilidades, ele escolhe”, ou seja, mesmo dentro de um sistema, regras, crenças etc, o sujeito é quem escolhe como quer existir.

Ao falar sobre sua família e Laila respondeu: *“Eu não [...] Converso há alguns anos com a minha família. Faz muito tempo, acho que faz uns dez anos mais ou menos. Laila ao contar quando saiu de casa indagou que: “Na verdade, com 17 anos eu sai de casa, mas desde os 15 eu trabalhava [...] Eu já trabalhei na Celesc, eu trabalhei na prefeitura, eu dei aula de informática básica pro ProJovem. Eu não sei se você chegou a conhecer o ProJovem, que foi a alguns anos atrás que eram cursos profissionalizantes [...] Teve só por dois anos, daí [...] porque eu tenho superior incompleto, aí eu não sei, a cabeça fraca também [...] Só que tem hora que você cai em si e já não é tudo aquilo. Porque é um dinheiro fácil, é um dinheiro bom, porque eu tirava por semana uns quatro mil reais. Só que um dinheiro que vem tão fácil e vai tão fácil, que [...] que chega uma hora que você começa a adquirir as coisas e depois começa a perder tudo de novo. Daí eu sofri um acidente de carro [...]”*

Compreendendo que a família é o primeiro contato social que temos, O Ministério Público de São Paulo (2008) diz que:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento.

Portando, após esse rompimento com a família, se inicia uma busca em construir novos laços, principalmente onde haja estabilidade e segurança, e em alguns casos, tendo que se submeter a circunstâncias precárias e a condições de trabalho que não são bem vistas socialmente, como a prostituição ou a coleta de lixo, sendo colocados a margem da sociedade. Ainda nesse mesmo seguimento, Moura Jr (2016) ainda elucida a opinião de que a identidade social, em especial, da mulher em situação de rua, parte de construções sociais e seus

respectivos papéis dentro da sociedade, a identidade parte da circunstância onde esse sujeito se encontra e se ele se identifica a partir desse local ou situação, podendo acontecer dele mudar constantemente, pois não consegue estabelecer vínculo em nenhum modo de vida.

Ao relatar sobre o acidente que sofrera, comentou que, *“Foi em fevereiro desse ano... Eu estava muito drogada, estava vindo de Florianópolis e bati o carro. Fiquei alguns dias no hospital, dai quebrei o meu nariz, to sem um osso desse lado (lado esquerdo), e agora vou ter que fazer uma cirurgia”*. Perguntamos ainda, quando você saiu de casa, como a tua família reagiu, Laila contou que: *“A minha mãe não me aceita do jeito que eu sou, mas a minha irmã é lésbica e é casada com outra mulher há uns 12 anos e minha mãe aceita, quem ela não aceitava era eu ser homossexual”*. Sobre sua mãe, disse que, *“Ah ela falava horrores... Ela aceita minha irmã e eu ela não aceitava, por isso eu resolvi sair de casa”*.

De acordo com o descrito pela entrevistada, Marques et al (2017, p. 5) coloca que para a teoria sartreana, o outro fica à mercê do meu olhar, resumindo a aquilo que sou, sendo um ser para-mim, e até mesmo quando eu percebo/vejo o meu corpo realizando algum tipo de atividade, ou até mesmo o reflexo do meu corpo em um espelho, eu estou me vendo como um outro, de fora. A partir disso, trabalha-se o corpo-para-outro, uma tentativa de elucidar como o outro percebe o meu corpo e como percebo o corpo do outro. Como o autor ainda pontua, que enquanto o outro me percebe, ele estabelece limitações de acordo com o seu conhecimento de mundo, então esse outro que me percebe, a partir do momento em que me constituí constrói o seu próprio mundo, e uma vez que essa relação se dá, não há como não inserir o outro na posição de objeto no mundo. Portanto Sartre (2014) apud Marques et al (2017, p. 10) diz que:

O reconhecimento desta possibilidade de ser objeto no mundo do outro é que possibilita afirmá-lo como sujeito, uma vez que algo só pode ser reconhecido como objeto sob o olhar de um sujeito, uma vez que um objeto não pode fazer emergir, por si mesmo, a objetividade no meio do mundo.

A importância do outro no meu processo de constituição, enquanto sujeito e participante ativo dentro de uma sociedade, é inegável, esse outro cumpre um papel fundamental, porque é somente a partir do olhar dele – que é como eu – que eu posso me perceber e aí reavaliar meus atos, dentro de meus princípios e valores, mas também reavaliar a partir do que o outro interpreta, então Beauvoir (1980, p. 9) solidifica que *“somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”*. Portanto, sozinho o homem jamais alcançaria um conhecimento total sobre si mesmo, isso exige um outro em constante relação, um outro que me olha e me percebe, e ao fazer isso, me resume ao um ser em-si, o outro limita

a minha liberdade e a recíproca é verdadeira e é a partir disso que essa relação se dá (GONÇALVES, 2016).

Sobre sua saída de casa, relatou, *“Para mim foi bom, eu comecei a trabalhar muito cedo, com 15 anos eu já fazia estágio, então eu já tinha uma noção do que gastar, eu comprava minhas roupas, então aluguei uma casa e fui viver sozinha”*. E como foi pra uma adolescente ir morar sozinha sem a ajuda da família? *“Eu gostei, porque acaba que você amadurece bastante, porque enquanto você tá na casa da tua mãe, você não tem aquela preocupação de faltar o leite ou o pão, não precisa se preocupar com a água ou com a luz, porque já tem alguém que pague por você”*. Como supracitado, a família é o primeiro contato com o mundo, onde se aprende crenças, valores e princípios, e quando esse contato é rompido, muitos acabam procurando por um outro laço tão forte quanto ao da família, seja com o uso de drogas ou com a tentativa de iniciar uma nova família. Mas quando se trata da ausência da família, somado a ausência de outros laços e recursos para viver, e com a mulher em situação de rua isso não é diferente, muitos deles vão para as ruas pela desestrutura familiar, por culpa, problemas emocionais etc., e acabam usando isso como uma forma de “castigo”, fortalecendo a sua nova identidade social, que vem com uma carga de invisibilidade e sofrimentos, vivendo somente nessa ideia e não tendo expectativas para o futuro, porque identidade pode significar permanência (MAHEIRIE, 2002).

A identidade social nada mais é do que a identificação com o meio e com a construção social que lhe é imposta, segundo Rodrigues (2015) há uma diferença entre como eu me percebo, como as pessoas me percebem e o que realmente sou, ao passo que todo esse olhar sobre a formação de identidade, é subjetivo, até mesmo sobre a auto percepção. E é a partir dessa ideia de formação de identidade que a mulher em situação de rua, que é rotulada de várias formas, acaba também sendo inserida, segundo Biscotto (2016) além das inúmeras violências, entre as mulheres em situação de rua, a prostituição também é comum, como uma forma de renda e de acordo com a mulhere entrevistadas, a prostituição não é a identidade que ela quer.

Ao ser questionada se sente vontade de voltar a falar com a família ou conviver com eles, respondeu que: *“Não! Eu to bem assim [...]”*. E o ensino superior você mencionou antes, o que era? *“Eu fiz administração de empresa e enfermagem, mas não terminei nenhum dos dois [...]”* Teve algum motivo específico? *“É porque eu fui estudar a noite na Uniplac, e eu conheci uma galera e era muita festa, a gente saia, e eu acabei não tem essa [...]”*. E hoje em dia como você lida com as drogas? *“Eu não uso mais, uns dois meses que não usei mais”*. Você fez algum tratamento? *“Não, eu ainda to esperando uma vaga pra uma clínica em Balneário, pra me tratar, porque assim, como eu não to tomando nada de remédio, tem dia que eu acordo com*

muita vontade de usar, ainda mais o sistema nervoso [...]. Eu to fazendo uma reposição hormonal de novo, e ele te da uma oscilação de comportamento, então é bem difícil, tem dia que acordo até sentindo o cheiro da droga, mas consigo me controlar. Na verdade, eu tomo um remedinho pra dormir e já passa a vontade”. E atualmente? “Aqui é bom, eu venho e faço serviço comunitário, depois eu fico no Acolhimento PoP. As vezes eu venho pra cá, mas só quando eles liberam, porque acham que a gente vai usar drogas. Dai eles monitoram, me deixam aqui e depois vem me buscar[...]

De acordo com a fala da entrevistada sobre a reposição hormonal, Beauvoir (1980) explica, quando nasce uma criança, independente se com o sexo feminino ou masculino, há milhares de imposições feitas no decorrer da sua infância, desde vestimentas a até comportamentos, que voltam sempre a reforçar estereótipos de gênero, deixando a mulher em posição de frágil, sentimental, dona de casa, de mãe e de submissa em relações aos homens, ao passo que os homens recebem os estereótipos de fortes, aquele que protege a família e os filhos, o detentor do poder, racional etc. Moraes (2012, p. 6) articula que “não se trata de negar diferenças biológicas, mas de mostrar que muitas vezes elas se tornam justificativas – e não causa – das diferenças culturais”, portanto, a diferenciação física não justifica a diferença social que está estabelecida. Logo, há características sociais que dizem quem a mulher, e no caso de uma mulher transexual, além de não se identificar com o seu sexo biológico, necessita afirmar com suas roupas e comportamento, quem ela realmente é.

Mas partindo do ponto de vista social, atualmente na cidade de Lages-SC, em instituições como o *Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua* (Centro PoP), é fornecido a possibilidade de reinserção no mercado de trabalho, desde que o mesmo frequente a instituição e demonstre interesse. Além disso, no *Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas* (CAPSad), é possível o tratamento para dependência química. Sendo assim, assume-se a responsabilidade de cada sujeito sobre suas expectativas de vida, mas dando acesso a pelo menos uma alimentação, documentação, atividades com a equipe técnica da instituição, e em alguns casos, possibilidade de um trabalho.

Quando perguntamos sobre os planos para o futuro, Laila respondeu que: “*Primeiro eu vou me tratar e depois eu vou ver o que vou fazer da minha vida. Eles me ofereceram... Agora em janeiro vai ter um processo seletivo, e eles vão me buscar pra fazer esse processo seletivo pra quando eu sair poder ter um emprego*”. [...] *To empolgada, porque em 2007 eu tentei o concurso, mas nunca me chamaram [...]*”. Apontamos que ela relata que tem planos para o futuro, então perguntamos se ela pensa em voltar para sua cidade e/ou para a prostituição. Laila argumenta que: “*Sinceramente? Eu nem queria falar sobre isso, mas não quero voltar não. Foi*

um dinheiro muito bom mesmo, e como eu tenho um visto de 5 anos, eu posso voltar se quiser [...] talvez um dia eu volte, para trabalhar certo e morar lá, mas não sei”.

De acordo com o relato da entrevistada, Josgrilberg (2007) explica que para a psicologia, o tempo está como um aglomerado de situações e vivência da vida do sujeito, coisas do passado que somadas formam o presente, moldando um futuro, logo, como no caso de Laila, compreende-se que possui prioridades no momento e que o que aconteceu no seu passado não devem voltar, pois causaram grande sofrimento e perdas. Ainda neste mesmo seguimento, explicar Dias et al (2008) que o sofrimento não pode ser igual para todas as pessoas, pois ele é sentido de formas diferentes e também pode ter reações diversas, podendo impulsionar para outros caminhos ou até fingindo que aquele sofrimento nunca existiu, por isso é necessário um trabalho aprofundado sobre as emoções do sujeito.

Ainda perguntamos a ela sobre a questão da homossexualidade. Laila responde: *“Eu acho que tem muita gente que diz que tem preconceito, eu mesma assim nunca sofri, só alguns olhares, mas agressão ou piadinhas não”.* De acordo com o relato da mulher, Hovland & Sears (1940) apud Lacerda et al (2002) diz que “classicamente, o preconceito tem sido estudado como uma característica psicológica do indivíduo: uma frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos”, ou seja, em alguns casos, enxergam no outro aquilo que pode ser algo não muito bem resolvido em si mesmos, ou até mesmo devido a criação e aspectos sociais que levariam a tomar certo posicionamento sobre algo que não lhe pertence, pois isso causa certo desconforto e irritabilidade.

Já Crochík (1996) explica que o preconceito, em alguns casos, é tão naturalizado que muitas pessoas não percebem que estão sendo menos favorecidas ou sofrendo alguma discriminação, ao passo que é necessário uma abordagem diferente com essas pessoas, pois muitos não conseguem enxergar de outra forma o contexto em que vivem.

Perguntamos ainda, como você se sente, sendo alguém que a mãe não aceita e por ter trabalhado em algo que te traz más lembranças. Laila responde: *Eu me sinto bem, porque eu posso dizer que vive coisas diferentes, conheci lugares diferentes, mesmo o dinheiro vindo dessa forma [...], mas eu não indicaria isso pra ninguém, porque tem várias maneiras de você conquistar as coisas. Ainda naquela época eu tinha ganhado um carro, que eu destruí por causa das drogas e festas.* Complementamos perguntando sobre relacionamentos. *“Eu não acho legal isso, não gosto... Claro que um beijo ou outro, mas eu evito [...]”* Você pensa em ficar em Lages? *“Não, quero ir e ficar naquela clínica, lá é ótimo, mas é uma das clínicas que aceitam homossexuais, então vou pra lá [...].”*

Quando é falado sobre a violência de gênero e a mulher em situação de rua, é importante salientar a ideia de Dias et al (2015, p. 2) diz que:

São relatados fatos de violações de direitos dessas mulheres, que se verificam no modo como sofrem intensamente as condições sociais impostas e estabelecidas, seja no ambiente da rua, expressa pelas inter-relações, bem como pelas instituições, que as tornam “invisíveis” e negligenciadas diante de suas necessidades específicas.

O autor ainda destaca que, quando aprofundado questões de gênero dentro desse ambiente de situação de rua, ainda há as mulheres transexuais e um outro contexto sobre violência e negligências, uma violência que segundo Dias et al (2015) não é clara, é uma imposição subtendida que causa um enorme desgaste psicológico e também físico, pela dificuldade de um enquadramento na heteronormatividade, e que muitas dessas mulheres transexuais procuram a rua justamente pela exclusão da família e amigos. Ou seja, a violência de gênero nem sempre é percebida ou é mostrada com agressões físicas, mas sim com a dificuldade de acesso aos direitos, subordinação a uma classe ou a outro gênero.

E como foi visto anteriormente, Beauvoir (1980) explica que a desigualdade de gênero vem desde muitos anos e está tão intrínseca em todos os contextos da sociedade que é pouco provável que alguém consiga escapar sem em algum momento cair sobre algum estereótipo reproduzido pelo restante da sociedade.

Análise do discurso

De acordo com o discurso da entrevista e toda a análise feita, percebe-se claramente que apesar de todo o sofrimento e escolhas erradas durante a vida, há uma expectativa de futuro, como também a busca por possibilidades de emprego e uma vida diferente. Durante toda a conversa com Laila fácil perceber o que Sartre (2016, p. 19) diz que “se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente nada”, portanto é livre para escolher como deve ser a sua essência, em constante mudança e responsável por como decide existir, escolhendo dentro do contexto em que vive. Além disso, percebe-se a importância do outro na constituição da nossa subjetividade, como explica Sartre (2005) o outro me coloca como objeto, como Ser-Em-Si, como algo que já é completo e que possui uma única essência.

Partindo do contexto de gênero, Beauvoir (1980) explica a importância da reflexão sobre as questões socioeconômicas, as relações desiguais entre homens e mulheres, que influenciam na economia e em como cada um é visto dentro da sociedade. A autora elucida – e isso fica claro com a fala da entrevistada – sobre os estereótipos que direcionam a vida de cada

sujeito, sendo que não é somente o sexo biológico que define uma mulher e sim ao restante envolta dela, desde muito cedo ela é um oposto ao homem, colocada como frágil, bela e sensual. Com isso, entende-se que Laila nasceu em um corpo masculino, não se identifica como tal, mas consegue se mostrar como uma mulher para o outro através desses estereótipos de mulher que são reproduzidos ao longo dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade da mulher em situação de rua está cercada de estereótipos de gênero, preconceitos e dificuldades, e o restante da sociedade possui um papel fundamental em como essa mulher se percebe e em como pode ou não sair da situação em que se encontra. Além da sociedade, enquanto integrantes de um único sistema, o Estado também possui um papel principal no desenvolvimento de cada sujeito, podendo gerar ainda mais desigualdade ou diminuí-la através de políticas públicas que forneçam direitos e acessibilidade. Mas além de cada um desempenhar o seu papel, é imprescindível que haja a possibilidade dessa mulher escolher uma opção diferente, e que estar na rua seja uma condição temporária e não permanente.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. S.; ALVARENGA, A. T.; SOMMERMAN, A.; RINA, S. C. S. A. D.; **Pesquisa-Ação-Formação Inter e Transdisciplinar com Pessoas Envolvidas com a Questão do Morador de Rua.** São Paulo, v. 20, n. 2, p. 300-313, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902011000200004&lng=en&nrm=iso> acesso em: 1/06/2018.

ARANHA, M. L. A. **Introdução a filosofia.** Editora moderna, 2ª ed. São Paulo, 1993

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida.** Editora nova fronteira, 2 ed. Rio de Janeiro, 1980.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set.

2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso> acesso em: 15/06/2018.

CISNE, M. **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. São Paulo, n. 132, p. 211-230, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_atext&pid=S010166282018000200211&lng=pt&nrm=iso> acesso em 11/06/2018.

CAMINO, L. **A psicologia e a luta contra o racismo: temos de que nos orgulhar?** In: Conselho regional de psicologia. *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão*. Editora Casa do psicólogo, 1 ed. Brasília, DF, 2004.

COELHO JUNIOR, N. E. **Consciência, intencionalidade e intercorporeidade**. Ribeirão Preto, v. 12, n. 22, p. 97-101, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000100010&lng=en&nrm=isso> acesso em: 25/04/2018.

COELHO, C. M.; **A mulher em situação de rua e a violência de gênero: um olhar a partir do grupo de mulheres. Santa Catarina, 2016**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169851/TCC%20Carla%20Mariana%20Coelho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em: 09/06/2018.

CROCHIK, J. L. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 nov. 2018

DIAS, C.; CRUZ, J. F.; FONSECA, A. M. **Emoções: passado, presente e futuro**. *Psicologia*, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 11-31, jul. 2008. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492008000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 28 nov. 2018.

DIAS, L. F.; ALVES, A. O.; CUNHA, B. E. B.; CASTRO, B. P.; CAMPOS, J. A.; CARVALHO, M. C. A.; MARTINS, V. B.; **Mulheres em situação de rua: trajetórias de**

invisibilidade e exclusão na construção de identidades. 2015. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/enl31.pdf>> acesso em: 15/06/2018.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOODE, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo, SP: Nacional, 1993.

GONÇALVES, A. I.; **O Encontro com o outro em Jean Paul Sartre.** Bahia, v. 16, n. 1, p. 119-130, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S235907692016000100010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 16/04/2018.

HOLANDA, A.; **Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista.** Campinas, v. 14, n. 2, p. 33-46, 1997. Disponível em<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=arttext&pid=S0103166X1997000200004&lng=en&nrm=iso>> Acesso em: 12/04/2018.

JOSGRILBERG, F. P. **A temporalidade a partir da perspectiva existencial.** Rev. abordagem Gestalt., Goiânia, v. 13, n. 1, p. 63-73, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1809-68672007000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 nov. 2018.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais.** Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 nov. 2018.

MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua.** Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=en&nrm=iso> acesso em: 13/06/2018.

MARQUES, V. H.; LISOT CAMARGO, J. H. **O Ser Para-Outro e o Inferno em Sartre.** Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 167-185, abr. 2017.

ISSN 2316-4786. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/26389/20528>>. Acesso em: 27/05/2018.

MAHEIRIE, K.; FRANCA, K. B. **Vygotsky e Sartre: aproximando concepções metodológicas na construção do saber psicológico**. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 23-29, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100004&lng=en&nrm=iso> acesso em: 19/05/2018.

MARSCIANI, F. **Subjetividade e intersubjetividade entre semiótica e fenomenologia**. São Paulo, v. 14, n. 28, p. 10-19, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-2553201400020002&lng=en&nrm=iso> acesso em: 20/05/18.

MELLO, L.; AVELAR, R. B. de; BRITO, W. **Políticas públicas de segurança para a população LGBT no Brasil**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 297-320, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2014000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/06/2018

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Editora Martins fontes, 2ª ed. São Paulo, 2000.

MINAS GERAIS, Conselho Regional de Psicologia. **A psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios**. Belo Horizonte, MG. 2015. Disponível em: <<https://redeassocialpg.files.wordpress.com/2016/01/a-psicologia-e-a-populac3a7c3a30-derua.pdf>>.

NÓBREGA, T. P.; **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Natal, RN, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2008000200006&lng=en&nrm=iso> Acesso em 15/04/2018.

ROSA, L. O.; **Invisibilidade urbana: discutindo a complexidade da população em situação de rua e as políticas pública**. Rio de Janeiro, 2011.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Editora L&PM, Porto Alegre, RS, 2014.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada: Ensaio Fenomenológico existencial.** Editora Vozes, 13 ed. Petrópolis, RJ. 2005

SARTRE, J.P. **O existencialismo é um humanismo.** Editora Vozes de bolso, Rio de Janeiro. 2016.

SARTRE, J.P. **O que é a subjetividade?** Editora Nova Fronteira, 1 ed. Rio de Janeiro, 2015.

SERAFINO, I.; LUZ, L. C. X. **Políticas para a população adulta em situação de rua: questões para debate.** Rev. katálysis, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 74-85, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141449802015000100074&lng=en&nrm=iso> acesso em: 17/06/2018.

THERBORN, G. **Os campos de extermínio da desigualdade.** Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 87, p. 145-156, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/06/2018.

VIEIRA, J. A. **A identidade da mulher na modernidade.** DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso> acesso em: 23/06/2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZANELLA, A. V.; PEREIRA, R. S. **Constituir-se enquanto grupo: a ação de sujeitos na produção do coletivo.** Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 6, n. 1, p. 105-114, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2001000100011&lng=en&nrm=iso> acesso em: 09/06/2018.